

Greve pode levar saúde ao colapso

O sistema de saúde do DF corre o risco de entrar em colapso se não houver um entendimento entre médicos e servidores da Fundação Hospitalar — que estão em greve há 27 dias — com os governos local e federal. De acordo com o Sindicato dos Médicos, hoje só estarão funcionando o Hospital de Base (HBDF), o Hospital Regional da Asa Sul (HRAS) e parte do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). A categoria realiza nova assembleia hoje para avaliar o movimento e decidir se haverá demissão coletiva.

Com o fechamento dos hospitais de Brazlândia e Ceilândia, o movimento aumentou ainda mais no HBDF. Ontem a comissão de triagem contabilizou cerca de 150 pacientes que foram internados em estado grave. Com isso, o primeiro andar do HBDF voltou a ficar lotado. Havia pacientes nos 96 leitos, em macas e até cadeiras de rodas, espalhadas pelos corredores. Para auxiliar no atendimento, os 35 plantonistas contam com a ajuda de profissionais provenientes do HRAN, Ceilândia e Taguatinga.

Na avaliação do vice-presidente do HBDF, Lairson Rabelo, o hospital só vai aguentar mais dois ou no máximo três dias de greve na rede pública. Ele lembra que só no final de semana foram atendidos 29 esfaqueados, sete baleados e 29 enfartados. Muitos deles transferidos de outras unidades devido a paralisação. Devido ao excesso de demanda, Lairson frisa que a situação é grave.

“Está começando a faltar sangue no nosso banco e no Hemocentro. Além disso, há poucas pessoas para fazer a coleta. Em breve deverá faltar também material cirúrgico e remédios”.

Riscos — Cerca de cem partos foram realizados ontem no Hospital Regional da Asa Sul ou da L-2 Sul, devido a greve dos médicos nas demais unidades hospitalares do DF. A média de atendimento subiu de uma média de 23 por dia para 70 casos no final de semana. Segundo o vice-diretor, Torreão Brás, apesar do excesso de trabalho, todos os pacientes do setor materno infantil foram atendidos sem problemas. Já a parte clínica pediátrica e clínica cirúrgica foram suspensas até o final da paralisação.

O vice-diretor afirma que sua equipe conta com a ajuda de dez médicos provenientes dos hospitais da Ceilândia, de Taguatinga e da Asa Norte. No total são 280 leitos, 120 destes destinados às mães que realizaram trabalho de parto. Com o aumento da demanda, o período de internação pós-parto foi reduzido de 48 para 24 horas.

Nos demais hospitais só estão sendo atendidos os casos graves em que o paciente corre risco de vida. Quando isso ocorre, a equipe da enfermagem é transferida para o pronto-socorro. O assessor da diretoria do HRAN, José Luiz Dantas, explica que quando há risco de vida nenhum dos hospitais nega o primeiro atendimento. Depois o doente é encaminhado para o HBDF ou HRAS.

F. GUALBERTO



As ambulâncias não pararam durante todo o dia, transportando pacientes do Hospital da Ceilândia para os do Plano Piloto